

Falta liderança ao país

Bolsonaro não lidera o país na guerra contra o coronavírus. Amedrontado com a crise econômica que se avizinha, ele desistiu de lutar para tentar diminuir o número de mortes

No último final de semana, o Brasil ultrapassou a marca de 100 mil mortes pelo novo coronavírus, o que faz do país o segundo com o maior número de mortes no mundo, atrás apenas dos EUA, que já ultrapassaram 160 mil mortes. Em termos proporcionais, o Brasil registra cerca de 48 mortes para cada 100 mil habitantes. Neste momento, estamos atrás apenas do Reino Unido (70), Espanha (61), Itália (58), Suécia (56), e EUA (49).

Além dos números superlativos, o que impressiona no caso brasileiro é a estabilidade da média diária de mortes. Há oito semanas, o país registra médias acima de 1000 mortes por dia. Ou seja, aqui a pandemia é aguda e duradoura. Olhando para a situação de outros países, percebemos que a nossa situação poderia ser diferente. Muitas vidas, porém, poderiam ter sido poupadas.

Os esforços para conter a pandemia do novo coronavírus têm sido descritos como uma guerra. E não há guerras sem mortes e prejuízos econômicos. Por isso, líderes políticos sensatos tentam ao máximo evita-las. Mas nem sempre isso é possível. Nesses casos, os bons comandantes militares se esforçam para reduzir as perdas e diminuir a duração do conflito, pois não há fórmula para vencer uma guerra. Mas, geralmente, a falta de uma liderança capaz de motivar a população e comandar os esforços são a receita do fracasso.

Bolsonaro optou por não liderar o país na guerra contra o coronavírus. Amedrontado com a crise econômica que se avizinha, ele desistiu de lutar para diminuir o número de mortes. E para fugir da responsabilidade, ele tenta se esconder atrás da decisão do STF, que reconheceu a autonomia dos governadores para tomar medidas de isolamento social. Note-se que o Supremo não proibiu o governo federal de agir, apenas reconheceu a responsabilidade compartilhada entre a União, estados e municípios nos esforços para conter a pandemia.

O presidente da República poderia aproveitar a enorme cobertura midiática que recebe para recomendar à população que fique em casa e saia apenas quando necessário. Poderia também orientar sobre o uso de máscara. Ainda no plano simbólico, o presidente deveria visitar um hospital de campanha para prestigiar o trabalho dos profissionais de saúde.

Bolsonaro sabe muito bem a força dos símbolos e gestos. Em junho, ele compareceu ao funeral de um soldado paraquedista morto durante um exercício militar. Foi a maneira que encontrou para prestigiar mais uma vez as Forças Armadas. Ele também teve a oportunidade de aproveitar e comparecer ao funeral de algum profissional de saúde e de segurança pública morto pelo coronavírus. Não fez nada disso. Ao contrário, exonerou o diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal por ter homenageado um policial morto pela COVID-19.

Líderes políticos constroem acordos com opositores para enfrentar juntos as adversidades. Foi isso que fizeram Alberto Fernandez na Argentina e Angela Merkel na Alemanha. Eles construíram consenso com os governadores de estados para coordenar medidas de combate à pandemia. Aqui, Bolsonaro preferiu brigar com quase todos governadores de estado. Até com aqueles que até bem pouco tempo lhe apoiavam.

Mesmo durante as guerras, a vida não para. Mas, obviamente, durante esse período a guerra é a principal preocupação dos governos. Esse não é o caso do Brasil. A pandemia parece ser assunto exclusivo do Ministério da Saúde. Não se tem notícia do que o gabinete de crise, chefiado pelo ministro Braga Netto, está fazendo. O gabinete que deveria justamente estar coordenando as diversas áreas do governo deixou de se reunir.

O presidente e os outros ministros parecem ter coisas mais importantes para fazer. O Ministério da Educação sequer acompanha os impactos na pandemia nas escolas. Apesar do setor de hotelaria, bares, restaurantes e entretenimento estarem sendo severamente impactados, o Ministério do Turismo não apresentou nenhuma medida de socorro. Não há notícias sobre as ações do Ministério das Mulheres para mitigar o aumento das ocorrências de violência doméstica.

Somos uma federação onde o governo federal exerce papel central na coordenação e indução de ações. A recusa do presidente em liderar o país na guerra contra a pandemia tem custado vidas e alongado o período de confinamento. Nessa guerra, o ex-capitão se rendeu sem lutar.

<https://backup.forumseguranca.org.br/editorial/template-1-editorial-utgfh-8pvmm-inbv9-8tbin-a49xh-8p623-m7siq-gffj5-pbz9d-58ukz-pn3o6-vj75r-xdc2f-4ydkp-m2v-jvuuv-zrbme-g2zya-aymgx-debnm-zpryb-6v6ca-jmayg-g6xse-8botm-e7cbs>

